

A TARDE

SEG
SALVADOR
17/3/2014

HOJE VIAJAR
TER POP
QUA VISUAIS
QUI CENA / GASTRONOMIA
SEX FIM DE SEMANA
SAB LETRAS
DOM TELEVISÃO

atarde.com.br/caderno2mais

2 GOLPE 50 ANOS

CINEMA POLÍTICO DE OLNEY SÃO PAULO FOI A VOZ DISSONANTE

Barravento traz um discurso marxista contra a submissão dos pescadores aos patrões e à religião, mas depois se rende ao culto afro-brasileiro, e *A Grande Feira* denuncia, muito sutilmente, a força do capital desestabilizando a vida dos feirantes pobres.

Estes dois clássicos baianos, ambos lançados antes da ditadura, são os mais próximos da classificação de "cinema político", designação de gênero que só pode ser atribuída sem ressalvas ao cinema de Olney São Paulo.

Natural de Riachão do Jacuípe, o cineasta estava radicado em Feira de Santana na época das filmagens do episódio brasileiro do projeto alemão *Rosa dos Ventos* (1954). Ele trabalhou na equipe e acabou contaminado pelo vírus do cinema.

Colaborou em várias filmagens no interior, incluindo a do filme *Mandacaru Vermelho* (1961), de Nelson Pereira dos Santos, até lançar o seu primeiro longa, *O Grito da Terra* (1964), obra que tratava sobre questões fundiárias bem antes dos movimentos pela reforma agrária ganharem força.

Prisão

Em 1968, Olney apresenta a metáfora *Manhã Cinzenta*, um média-metragem sobre um país imaginário na América Latina, que sofre com uma ditadura.

Glauber Rocha, no seu livro *Revolução do Cinema Novo*, fala sobre a obra: "é o grande filmexplosão de 1968 e supera incontestavelmente os delírios pequeno-burgueses dos histéricos udigrudistas". A respeito de Olney, escreveu: "é a Metáfora de uma Alegoria" (sic).

Olney chegou a ser detido em 1969, sumindo por 12 dias, até ser liberado pelas milícias da ditadura. Isto não o impediu de dirigir *Pinto Vem Ai* (1976), promocional para o deputado opositorista Chico Pinto.

Faleceu precocemente em 1978, aos 41 anos, deixando ainda um segundo longa-metragem *O Forte* (1974) e o inconcluso *Ciganos do Nordeste* (1978), que fecha uma trajetória ímpar, que conjugava debate social e poesia, criando legítimas obras de cinema.

A margem do coletivo soteropolitano e do grupo superoitista, um clamor de liberdade

14

produções, sendo três longas, três médias e oito curtas-metragens dirigidos por Olney São Paulo compõe um legado ímpar de filmes baianos que incluem causas sociais

CINEMA DE HOJE A DOMINGO, A SALA WALTER DA SILVEIRA, NOS BARRIS, EXIBE MOSTRA DO CINEASTA SUECO INGMAR BERGMAN (FOTO)

VIAJAR VINÍCOLA GAÚCHA REALIZA JANTARES EM HOMENAGEM À COPA DO MUNDO



AFP Photo



Meteorango Kid (1969), de André Luiz Oliveira

dução local, que foi quebrada apenas por iniciativas pessoais, obras alternativas.

Meteorango Kid (1969), de André Luiz Oliveira, sobre um jovem em busca de seu lugar no mundo, e *Caveirinha My Friend* (1970), uma caótica festa-filme de Álvaro Guimarães, inauguraram o "underground baiano", marcado pelo niilismo. *O Anjo Negro* (1972), de José Umberto, fecha a trínca de longas desta vanguarda.

Na luta contra a censura, a Jornada de Cinema da Bahia, criada em 1972, pelo cineasta Guido Araújo, serviu como espaço de encontro, que resultou na fundação da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD).

Guido Araújo lembra que, graças ao apoio de instituições como o Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Iciba), que gozava de certa independência por ser um espaço com bandeira estrangeira, foi possível exibir filmes brasileiros sem a severa vigilância dos censores.

Superoitistas

A geração de cineastas baianos seguinte surgiu a partir das Jornadas, os realizadores "superoitistas", assim chamados por filmarem com uma película doméstica, artesanal, o Super-8, criando obras livres e rebeldes. Pola Ribeiro, Edgard Navarro, Fernando Belens e José Araripe Jr. estão entre os realizadores surgidos deste exercício.

"Podemos fazer nossa voz chegar mais adiante com poucos recursos", diz Pola Ribeiro. "Um filme feito por quatro garotos, como *A Conversa* (1975), foi notícia em jornal por ter sido apreendido pela polícia, então a ditadura mostrava que era tão forte, mas também tão frágil, capaz de ser contestada", complementa Ribeiro.

O cineasta finaliza: "Descobrimos que nossas brincadeiras ameaçavam a cômica, aliás, somente por estarmos nos encontrando, nos reunindo em grupo quando isto era proibido, já praticávamos um ato político". A abertura, ainda segundo Pola Ribeiro, acabou gerando um "desejo de profissionalização", que significou o fim da febre superoitista.

Com *O Superoutro*, lançado já em 1989 e filmado em condições semiprofissionais (película 16mm), Edgard Navarro faz uma espécie de manifesto-síntese do espírito superoitista e de sua própria obra.

O filme, um premiado média-metragem, faz sucesso nacional quando a Bahia já não produzia longas-metragens há seis anos, desde *O Mágico* e *O Delegado* (1983), de Fernando Coni Campos.

Passaram-se duas décadas e somente em 2001, o filme *3 Histórias da Bahia*, de José Araripe Jr., Edyala Yglesias e Sérgio Machado, quebraria o amargo jejum de 18 anos sem longas baianos. Era a tardia entrada na "Retomada do Cinema Brasileiro", que começou em 1994.

Não é absurdo pensar que, mesmo indiretamente, devido à ausência de políticas públicas para o audiovisual, a ditadura e os governantes civis baianos que a apoiaram contribuíram, de algum modo, para tanta imobilidade e silêncio.

DURO GOLPE PARA FRÁGIL CENA BAIANA

ESTIO Antes do Golpe de 1964, o cinema feito na Bahia vivia uma desmobilização, que foi acentuada pela ditadura

JOÃO CARLOS SAMPAIO

Asombra de um regime que estabeleceu restrições à livre expressão afetiva, de diversas formas e em diferentes níveis, toda a produção artística na Bahia. No caso do cinema, entretanto, é preciso esclarecer que alguns acontecimentos anteriores ao golpe militar de 1964 já haviam desacelerado a produção.

O primeiro filme baiano de longa-metragem, *Redenção*, do cineasta Roberto Pires, estreou em 1959 e se tornou o marco inicial do Ciclo Baiano, uma das matrizes do movimento nacional que ficaria conhecido como Cinema Novo.

Neste ciclo foram realizados filmes como *A Gran-*

de Feira (1961) e *Tocaia no Asfalto* (1962), ambos de Roberto Pires, além de *Barravento*, a estreia de Glauber Rocha em longa-metragem, lançada em 1962, quando ele já havia trocado Salvador pelo Rio de Janeiro.

A pesquisadora Maria do Socorro Carvalho aponta o ano de 1962 como o momento final do Ciclo Baiano. Em 1963, Roberto Pires também se muda para o Rio e a movimentação local esfria.

O professor e crítico de cinema André Setaro considera, nas suas palavras, "o canto do cisne do Ciclo Baiano" o filme *O Grito da Terra*, do engajado diretor Olney São Paulo, lançado em 1964, ano do Golpe.

Autor de dois filmes recentes inspirados pela obra e pela trajetória de Olney São Paulo, o cineasta Henrique Dantas trabalha atualmente no projeto Galeria F, sobre os presos políticos baianos. Em suas pesquisas, lida com a ausência de imagens em movimento.

"Simplesmente não encontro nada", diz Dantas, que prossegue: "Há muitas fotografias, mas não se tem nada em película, minha esperança é achar algo, quem sabe, em acervos domésticos", diz.

Vazio

O final dos anos 1960 trouxe a decretação do Ato Institucional número 5 (AI-5), em 1968, e um sentimento de desmobilização na pro-

CINEMA